

PENSAMENTO, LINGUAGEM E MUNDO NO PRIMEIRO WITTGENSTEIN

Leandro Pereira Rodrigues (IC) e Orlando Bruno Linhares (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente artigo analisa o primeiro Wittgenstein, ou seja, a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921). O mesmo é composto por quatro seções. A primeira versa acerca da problemática primária e fundamentadora: o *espaço lógico*. A segunda aborda a problemática do fundamento ontológico: *coisas, estado de coisas, figuração, fatos e mundo*. A terceira seção analisa a problemática da tese desenvolvida da passagem da ontologia à teoria do conhecimento: relação entre o *mundo* e os pensamentos sobre o *mundo*. A quarta e última apresenta a problemática da linguagem: as investigações da linguagem, suas estruturas internas e suas relações com a proposição.

Palavras-chave: Wittgenstein. Tractatus Logico-Philosophicus. Ontologia

ABSTRACT

The present article analyzes the first Wittgenstein, that is, the *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) work. It consists of four sections. The first one states about the primary and fundamental problem: the *logical space*. The second one addresses the problem of the ontological foundation: *things, state of things, figuration, facts and world*. The third section analyzes the problem of the thesis developed on the transition from ontology to the theory of knowledge: the relationship between the *world* and the thoughts about the *world*. The fourth and last presents the problem of language: the investigations of language, its internal structures and its relationship with the proposition.

Keywords: Wittgenstein. Tractatus Logico-Philosophicus. Ontology

1. Introdução

O presente artigo analisa o primeiro Wittgenstein, ou seja, a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921)¹. O mesmo é composto por quatro seções. A primeira versa acerca da problemática primária e fundamentadora: o *espaço lógico*. A segunda aborda a problemática do fundamento ontológico: *coisas, estado de coisas, figuração, fatos e mundo*. A terceira seção analisa a problemática da tese desenvolvida da passagem da ontologia à teoria do conhecimento: relação entre o *mundo* e os pensamentos sobre o *mundo*. A quarta e última apresenta a problemática da linguagem: as investigações da linguagem, suas estruturas internas e suas relações com a proposição.

Estudar um autor de maneira analítica, exige a delimitação de uma zona preambular das análises. A zona preambular constituinte da fronteira para adentrar o interior do pensamento do autor do *Tractatus Logico-Philosophicus* é a proposição. Ao compreender a proposição wittgensteiniana, elemento mais fundamental da obra, podemos entender o sentido dos desdobramentos resultantes das causas últimas do pensamento deste filósofo.

Primeiramente abordaremos nesta seção introdutória três características essenciais para a compreensão do *Tractatus Logico-Philosophicus*: 1. problema, 2. método filosófico, e 3. proposição. Em seguida, trataremos das problemáticas fundamentadas na perspectiva do primeiro Wittgenstein.

1.1. Problema

Ao analisar o primeiro Wittgenstein – sem perdê-lo em sua perspectiva filosófica genuína – é imprescindível considerar o problema central e norteador das suas investigações: o problema fundamental de Wittgenstein são os problemas filosóficos. Aqueles problemas que podem ser estudados ou resolvidos exclusivamente pelo pensamento – ou seja, não recorrendo à experimentação científica.

Wittgenstein escreveu em 1918 em Viena o que viria a ser o problema fundamental do TLP. A afirmação contida em seus escritos, três anos mais tarde, constituiria o prefácio da sua obra:

1. Nesse artigo usaremos a abreviação TLP para se referir ao *Tractatus Logico-Philosophicus* – edição brasileira Edusp (2020) – seguido do aforismo correspondente quando necessário, por exemplo, (TLP, 2.15)

O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica da nossa linguagem. (TLP, Prefácio, p. 125)

Portanto, a compreensão dos problemas filosóficos demanda criticar a linguagem ordinária, pois “desconfiar da gramática” para Wittgenstein “é o primeiro requisito para filosofar” (Cadernos, 1913, p. 155). Wittgenstein nos diz:

Para evitar [...] equívocos, devemos empregar uma notação que os exclua, não empregando o mesmo sinal em símbolos diferentes e não empregando [...] da mesma maneira sinais que designem de maneiras diferentes. Desenvolver uma notação, portanto, que obedeça a gramática *lógica* – à sintaxe lógica. (TLP, 3.325, grifo meu)

Wittgenstein evita as interpretações ambíguas da linguagem ordinária presentes nas sentenças com o propósito de destituir qualquer ambiguidade, evidenciando o contrassenso contido na sentença. Nesse sentido, o autor sugere a substituição da gramática convencional que aprendemos na escola, por uma gramática lógica. O entendimento do TLP passa pela compreensão dessa gramática lógica.

Russell, na introdução do TLP, afirma que “para entender o livro do senhor Wittgenstein” diz:

É necessário entender o problema que lhe importa. Na parte de sua teoria do Simbolismo, importam-lhe as condições que teria que cumprir uma linguagem logicamente perfeita (TLP, Introdução, p.107).

Com a pretensão de evidenciar o contrassenso em textos filosóficos, por meio da perspectiva wittgensteiniana respaldada pelo rigor da sintaxe lógica, tomaremos um texto clássico da filosofia platônica: *A República* de Platão. Esta obra aborda no livro VII a *teoria das ideias* que constitui um texto modelar de origem epistemológica. Vejamos como o ateniense concebe a definição da verdade:

No mundo inteligível, a ideia do bem é percebida por último e a custo, mas não se pode percebê-la sem concluir que é a causa de tudo de direito e belo em todas as coisas; que ela engendrou, no mundo visível, de luz e do soberano da luz; que, no mundo inteligível, ela é própria é soberana e fonte imediata da verdade e da inteligência.²

A afirmação dogmática do autor de *A República* consiste em: *ser a ideia do bem, no mundo inteligível, a fonte da verdade*. A sentença propositiva similar pode ser descrita como “a representação mental de algo fundamentada na ideia do bem é fonte da verdade”.

Por Wittgenstein no TLP entender que a sentença propositiva acima não pode ser válida, o autor a define como um contrassenso, pois o uso da palavra 'bem' é polissêmico. A polissemia inerente desta palavra possibilita seu emprego de diferentes maneiras. Por esta razão, aferi os princípios do *modus operandi* de Wittgenstein, estabelecidos no aforismo 3.325. Desse modo, a proposição não poder ser válida. Enquadra-se assim no que Wittgenstein chama de contrassenso. Wittgenstein concordaria com esta análise pertinente a dogmática *ideia do bem* exposta acima, afirmaria ainda que “assim nascem facilmente as confusões mais fundamentais (de que toda a filosofia está repleta)” (TLP, 3.324).

1.2. Método filosófico

O método filosófico wittgensteiniano é, por excelência, o método analítico por meio da lógica e linguagem. Marcondes (2004, p.11), discutindo acerca do tema entende que o método-analítico-filosófico surge com a Filosofia Analítica no final do século XIX, especialmente com George Edward Moore e Bertrand Russell, como uma resposta às correntes dominantes na Grã-Bretanha: o idealismo absoluto de inspiração hegeliana; e o empirismo psicologista influenciado por John Stuart Mill.

Embora o método analítico – possuidor da relação linguagem e lógica – tenha surgido com a Filosofia Analítica no final do século XIX, a Filosofia Analítica contemporânea progenitora deste método analítico integrante em Wittgenstein ainda possui inúmeras perguntas sem respostas precisas. As respostas para as perguntas “Filosofia analítica é ...”, “Filósofos analíticos fazem ...” e “Um filósofo analítico jamais ...” são bastante arditas. Hans-Johann Glock na sua obra *O que é Filosofia Analítica* (2011) aborda essas questões que por motivo de escopo se apresenta ausente deste trabalho.

O que cabe contextualizar é que o método analítico é utilizado desde a Grécia Antiga e desemboca na contemporaneidade com expressiva força devido a *virada linguística*³ ocorrida na Inglaterra nas universidades de Cambridge e Oxford no século XIX.

Supra importante é compreender que o método analítico pós *virada linguística* – àquele cujo Wittgenstein opera – implica em fazer uso da lógica e proposição como meta-ferramenta de análise. Em outras palavras, por meio da lógica e da proposição analisar-se-ia os termos individuais e conceitos, além de suas implicações lógicas internas e externas com o intuito de alcançar o problema em sua profundidade natural e trazê-lo à superfície.

3. Cf. GLOCK, H.J. O que é Filosofia Analítica? In: _____. **A virada linguística**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 40-44

A possibilidade de trazer um problema à superfície permite projetar um espaço representacional na própria superfície que explica a relação causa e efeito de uma ocorrência dada – torna mais fácil a operabilidade do domínio do problema.

O peixe-bolha (*Psychrolutes microporosus*) é um dos peixes mais raros do mundo. Eles vivem nas profundas águas submarinas de países como Tanzânia e Austrália. Estudá-los e compreendê-los na perspectiva fisiológica em seu habitat natural é impossível, faz-se necessário submetê-lo à superfície. A filosofia é repleta de peixes-bolha. A partir do século XX – com Wittgenstein – concebeu-se uma nova forma de estudá-los: através do método analítico, por meio da crítica da linguagem.

1.3. Proposição

Todas as concepções filosóficas contidas no TLP partem de uma proposição ou chegam em uma proposição. Pinto (1998, p.147) chega até a comentar “não é à toa que um dos títulos cogitados por Wittgenstein na época da publicação do *Tractatus* foi ‘A Proposição’ (‘der Satz’)

É possível afirmar que Wittgenstein encontrou um novo ponto de partida para a filosofia: a proposição. Em seus Cadernos, no dia 22 de janeiro de 1915, Wittgenstein escreveu: “Toda a minha tarefa consiste em explicar a natureza da proposição.” dado que para Wittgenstein “especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo” (TLP, 5.4711).

A proposição a que se refere Wittgenstein é a mesma que conhecemos na lógica⁴: sentença passível de validação ou não; como, doze é igual a três vezes quatro podendo ser escrito como $12 = 3 \cdot 4$. No entanto, Wittgenstein extrapola a fronteira clássica da lógica, conferindo à proposição outra responsabilidade: a *representação* da realidade. No entendimento de Wittgenstein “a proposição é uma figuração da realidade” (TLP, 4.01). Nesse sentido, Wittgenstein propõe que:

A proposição figura uma imagem da realidade, isto é, uma proposição é algo no mundo. À primeira vista, a proposição – como vem impressa no papel – não parece ser uma imagem da realidade. Mas tampouco a escrita musical parece ser uma figuração da música. (TLP, 4.011, grifo meu)

4. A lógica tem por objetivo estudar os critérios de legitimidade dos argumentos, sem considerar a verdade ou falsidade das asserções que o compõem. Hegenberg (2015, p. 9)

O logicismo de Wittgenstein, fundamentado na proposição, cria uma espécie de configuração lógica – chamada pelo autor de *figuração* – que possibilita e modulariza a natureza das *coisas* dentro do *espaço lógico* – a *figuração* e o *espaço lógico* serão explicados mais adiante.

Wittgenstein no TLP implementou um sistema de representação que expressa proposições com o intuito de mostrar em qual circunstância uma determinada coisa existe, inexistir ou não pode existir. Desse modo, através dessas três possibilidades se configura o *estado de coisas* e garantir-se-ia a representação do *mundo* por meio da relação lógica-linguística, visto que o *mundo* não pode ir para além desse *estado de coisas*.

Afim de demonstrar esse sistema de representação, tomamos como exemplo uma proposição elementar da geometria. Assim, por exemplo, o ponto A e o ponto B são variáveis cujo valores pertencem ao conjunto dos números naturais, ambos pontos formam um segmento de reta onde a distância entre o ponto A e B deve ser 4 centímetros $\overline{AB} = 4$. Ao atribuímos valores às respectivas variáveis de maneira a satisfazer a proposição expressa acima, teríamos por exemplo $A = 10$ e $B = 14$ | $10 - 14$ | $=$ | -4 | $= 4$; lê-se A e B pertencem ao segmento de reta e existem infinitos A e B cujo módulo da diferença vale 4.

Ao observar o *mundo* à nossa volta, quantas *coisas* do *mundo* podem representar – Wittgenstein diria *afigurar* – essa proposição geométrica na realidade? Possivelmente o ponto de início e fim de alguma palavra desse texto ou a distância entre duas teclas do teclado entre outras *coisas* que você esteja vendo ou pensamento neste momento. Ao pensar nesta única proposição elementar, podemos representar um *mundo* que existe, inexistir ou não pode existir. Em outras palavras, existe uma realidade atrás dessa única proposição que acessamos através da linguagem pelo pensamento por meio da lógica.

Demostrou-se assim o sistema de representação através de uma única proposição elementar. Ora, se existisse apenas essa única proposição, o *mundo* seria de linhas retas. No entanto, o *mundo* é bem mais complexo e vai além dessa única proposição – ou de linhas retas. Wittgenstein imaginou um *mundo* onde uma representação da realidade pode depender de um enlace de proposições: das mais genéricas às mais elementares e específicas. Onde uma proposição chamaria outra proposição que chamaria outra proposição *ad infinitum*.

Primordial é considerar que tudo que está no *mundo* primeiro parte da proposição, pois a proposição espelha a realidade e vice-versa. Assim sendo, independente de quão complexa a realidade se apresente, ela partirá de uma proposição. Para Wittgenstein, sem a proposição

não existiria o *mundo*.

2. A problemática primária e fundamentadora: o *espaço lógico*.

O princípio fundamental que norteia e constitui o pano de fundo do TLP é o *espaço lógico*. O *espaço lógico* é uma abstração lógica na esfera intralinguística, atuando como uma gramática lógica, onde as proposições são arranjadas dentro da sentença. De maneira didática, Costa (2016, p.27), ao comentar o *espaço lógico*, o descreve como uma espécie de “coordenada”⁵ formada pela existência e inexistência de *estado de coisas* (TLP, 2.06).

Wittgenstein não exemplificou o *espaço lógico* por meio de demonstrações concretas. Com o intuito de exemplificar o *espaço lógico* didaticamente, podemos conceber o *espaço lógico* como sendo o tabuleiro de xadrez, o qual chamaremos de *espaço lógico enxadrístico*. O *espaço lógico* de Wittgenstein é uma grade fixa do *mundo*, o tabuleiro de xadrez é uma grade fixa de um jogo. A ideia de *espaço lógico* de Wittgenstein é universal enquanto a do xadrez é particular, logo o *espaço lógico enxadrístico* está contido dentro *espaço lógico*, pois nenhum *espaço lógico* particular escapa da concepção do *espaço lógico* universal do TLP, uma vez que o primeiro está representado pelo último.

O tabuleiro de xadrez possui 64 casas, portanto, é uma grade fixa. As peças de xadrez representam as *coisas* do *espaço lógico enxadrístico* e essas *coisas* possuem estados. Assim sendo, um peão pode existir em uma determinada posição no tabuleiro ou inexistir, bem como não pode existir. Um exímio praticante da Arte de Caíssa, antes de enveredar-se em um ataque, configura mentalmente uma combinação de movimentos de peças, calculando não apenas as possibilidades de suas próprias peças, mas também as de seu oponente, dentro da possibilidade do *espaço lógico enxadrístico*.

O *espaço lógico enxadrístico* é um esforço em uma esfera pormenorizada de evidenciar um *espaço lógico* particular. Wittgenstein, ao abordar o *espaço lógico*, o observa em uma perspectiva universal na qual se considero todas as possibilidades combinatórias de todos os objetos, sejam lá quantos eles forem, então tenho o *espaço lógico* (TLP, 2.013).

5. Podemos pensar o *espaço lógico* como uma tabela dividida em duas colunas que informa a possibilidade de existência e inexistência de um determinado *estado de coisas*. Por exemplo, que o *estado de coisas* 'a' existe e que '¬ a' não pode ser configurado.

6. Um peão não pode existir na oitava fileira, contraria a regra do jogo de xadrez; portanto, afirmar a existência ou a inexistência de um peão na oitava fileira é um contrassenso, pois uma vez que o peão avança à oitava fileira ele deve ser substituído imediatamente por outra peça, excetuando-se um rei que sempre existirá no jogo.

Corrêa (2009) ao comentar a visão de Wittgenstein, contida no aforismo 2.013 reforça que:

O somatório de todas as possibilidades combinatórias dos objetos é, portanto, o *espaço lógico*. Como qualquer porção do mundo a ser representada está imersa no *espaço lógico*. [...] A forma lógica, portanto, é a forma lógica do *espaço lógico*. (CORRÊA, p. 429)

3. A problemática que se refere ao fundamento ontológico de sua filosofia: 1) coisas, 2) estado de coisas, 3) figuração, 4) fatos e 5) mundo.

Na concepção de Wittgenstein, o *mundo* – dentro do *espaço lógico* – é constituído de *fatos* e *coisas*, e os *fatos* – em uma visão ontológica – são mais fundamentais, pois um *fato* representa um agregado de *coisas*. Temos no *estado de coisas* todos os estados de uma ou mais *coisas* que representa um *fato* e, por conseguinte, todos os *fatos* representam o *mundo*. Com o intuito elucidar esses conceitos contidos no TLP, abordaremos cada um deles por vez.

3.1. Coisas

A *coisa* no TLP é um dos elementos mais discutíveis, pois não existe na obra uma definição precisa. Podemos entender a *coisa* como um objeto. Child reconhece essa dificuldade em dizer o que são os objetos para Wittgenstein:

Wittgenstein não diz que tipo de entidade ele considera que um objeto seja; ele não oferece quaisquer exemplos de objetos, sem quaisquer exemplos de nomes. Requereria um processo de análise lógica. (CHILD, 2013, p. 50)

Uma característica dos objetos é ter sua existência apenas dentro de um *espaço lógico*, como esclarece Wittgenstein:

Não é preciso, por certo, que a mancha no campo visual seja vermelha, mas uma cor ela deve ter: tem a sua volta, por assim dizer, o espaço das cores. O som deve ter uma altura, o objeto do tato, uma dureza, etc. (TLP, 2.0131)

Dito em outros termos, “é só no contexto da proposição que um nome possui referência” (TLP, 3.3). Edgar Marques (2005, p.29) reitera: “isso significa que um nome isolado não designa o objeto, fazendo-o apenas quando inserido em um signo proposicional”.

Outra característica é a forma, “a possibilidade de seu aparecimento em estado de coisas” como duro ou alto etc. “é a forma do objeto” (TLP. 2.0141).

Ao versar sobre a natureza da *coisa* no TLP, Wittgenstein realiza o emprego desta

palavra em diferentes contextos e formas, relacionando-a bastante ao conceito de *objeto*. Destacaremos a seguir os aforismos daquilo que representa a *coisa*:

- (1) “O objeto é simples” (TLP, 2.02)

Significa dizer que o objeto ou a *coisa* é a menor parte possível de algo analisável.

- (2) “Se as coisas podem aparecer em estado de coisas, isso já deve estar nelas” (TLP, 2.0121)

Esclarece que se A é ‘A’, significa que ser ‘A’ é subsistente de A.

- (3) “Os objetos constituem a substância do mundo.” Os objetos simples são inseparáveis e “por isso não podem ser compostos” (TLP, 2.021)

- (4) “Para conhecer um objeto na verdade não preciso conhecer as suas propriedades externas – mas preciso conhecer as suas propriedades internas.” (TLP, 2.01231)

Então se a *coisa* é um objeto, de que objeto estaríamos falando e em quais categorias estariam eles inseridos? Por um lado, considerando a problemática do TLP que é apresentar uma teoria ontológica lógico-representativa, bem como, por outro, as cartas trocadas entre Wittgenstein e Russell e o próprio Cadernos de Wittgenstein, podemos defender que os objetos em Wittgenstein apresentam-se em quatro categorias: (1) objeto de percepção sensível – como uma agulha; (2) objeto de não percepção sensível – como a teoria atômica de Bohr; (3) objeto da linguagem – como os substantivos e, por último, (4) o objeto do pensamento – como a *figuração* de um *fato*.

Como poderíamos analisar esses objetos? Por meio de uma visão de cima para baixo observando o objeto em suas características mais externas às mais internas. Também, por meio da visão de baixo para cima que observa as características atômicas e posteriormente busca-se as características mais genéricas.

O brilho da filosofia de Wittgenstein, no que diz respeito ao objeto, é que o objeto como vimos cobre tudo o que existe no *mundo*, tudo é o objeto, podendo ser analisado da ótica do maior para o menor, do genérico ao específico ou do universal para o particular e, também inversamente, isto é, do menor para o maior, bem como do específico para o genérico ou do particular para o universal. O sentido da análise dependerá da escolha de um dos dois modelos analíticos expostos no parágrafo acima.

3.2. Estado de coisas

O *estado de coisas* como observado anteriormente é o resultado da configuração dos objetos. Wittgenstein enfaticamente diz que “o estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)”

(TLP, 2.01). Ademais, o *estado de coisas* possui uma estrutura, sendo assim “A maneira como os objetos se vinculam no estado de coisas é a estrutura do estado de coisas” (TLP. 2.032). Portanto, existe uma estrutura contida dentro de uma forma que subjaz o *estado de coisas*. Schmitz (2004, p. 87) argumenta que a estrutura, por um lado, é uma maneira particular de relacionar elementos que se supõem estarem no lugar de objetos na realidade, e, por outro lado, que essa estrutura é uma das muitas que a *figuração* pode ter, estando o conjunto de estruturas determinado ou limitado por certa forma (p. ex. forma espacial, psicológica, lógica etc.)

Para demonstrar o *estado de coisas* juntamente com os objetos dentro de uma estrutura permeada pela forma através de um *fato*, podemos pensar em algum acontecimento com lastro na realidade: o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954 – com um tiro no coração. Os objetos dessa representação são uma arma de fogo, uma pessoa e uma mão; o *estado de coisas* desses objetos, enquanto a arma de fogo tem que estar em estado de uso e carregada, o da pessoa tem que estar viva e a mão precisa possuir os dedos que irão suportar a arma e realizar o disparo. Mas, apenas os objetos e o *estado de coisas* não são suficientes para representar o *fato*, pois falta a estrutura: a estrutura é a relação desses objetos e seu *estado de coisas*. A mão deve segurar a arma, a palma da mão deve estar apontada em direção ao coração e o dedo no gatilho deve contrair-se para trás realizando o disparo. A estrutura é possível pois existe uma forma, neste nosso exemplo, é a forma espacial, pois esses objetos estão situados no espaço.

Para Wittgenstein, os objetos não precisam representar fidedignamente os objetos da realidade suicida como uma arma de fogo, uma pessoa e uma mão. Portanto, para esse mesmo *fato* descrito – suicídio de Vargas – poderíamos ter uma miniatura de boneco representando uma pessoa e um objeto qualquer representando uma arma. Desde que sua estrutura e *estado de coisas* possuíssem similitude com o *fato* representado.

O *estado de coisas* apresenta-se no *mundo* através do plano físico, conceitual ou aplicado. A laranja, por exemplo, possui uma forma de *estado de coisas*; no plano físico, ao utilizar a percepção sensorial, atribuímos valores a atributos que representam a classe laranja, tais atributos como cor, textura, tamanho, espécie etc.; já no plano conceitual, ao utilizar o pensamento, mensuramos os atributos conceituais tais como possuir a composição química $C_6H_8O_7$, pertencer à família *Rutaceae* etc; são esses atributos biológicos, químicos, físicos matemáticos entre outros que compõem uma abstração sem a qual não existiria a laranja. E, por último, no plano aplicado, ao utilizar os meios técnicos aplicados à ciência, podemos notar outro *estado de coisas*, como ao visualizar uma laranja em um jogo de computador sendo

saboreada por um personagem – este exemplo de aplicação dos atributos físicos da laranja é criado artificialmente por meio da técnica de desenvolvimento de software.

3.3. Figuração

O conceito de *figuração*⁷ no estatuto da ontologia de Wittgenstein tornou-se a pedra de toque para a completude do TLP. Faustino (2006, p.39), ao discutir a importância do conceito de *figuração*, salienta que Wittgenstein definiu a ontologia no TLP, apenas depois de conceber, por último, o conceito de *figuração*:

Quando se compara o texto dos *Notebooks* com o do *Tractatus*, facilmente se nota que só à altura do aforismo 2.1515 começam temas já tratados nos *Notebooks*. Esse caráter tardio dos aforismos “ontológicos” é o mais forte indício de que a ontologia do *Tractatus* só veio a ser estabelecida depois de Wittgenstein ter lapidado de modo conclusivo o conceito de “figuração”.

Wittgenstein no TLP descreve sua concepção de *figuração* na segunda tese (TLP, [2.1 - 2.225] p.135-139). Para Wittgenstein, a realidade nos fornece uma imagem e podemos criar imagens análogas às imagens da realidade. Hacker (2000, p.3), complementa ao dizer que para que a realidade seja descrita, temos que construir *figurações* que sejam isomórficas a ela.

Por um lado, temos a imagem da realidade e, por outro, a imagem representativa da realidade. A imagem representativa da realidade pode ser uma foto, um desenho, uma partitura ou uma radiografia, dependerá muito do *espaço lógico* em questão. No *espaço lógico* da Medicina, um paciente enfermo representa uma imagem real de um organismo açoitado por uma doença e temos diagnóstico por imagem que é uma imagem representativa dessa realidade. Similarmente, em uma delegacia um retrato falado representa a imagem de um criminoso, tal retrato representa uma imagem de um *fato* contido na realidade. A música é real, pois podemos escutá-la e senti-la, a partitura é uma imagem representativa dessa realidade, um maestro talentoso ao ler uma partitura pode sentir a música da mesma forma que se estivesse em um concerto. Wittgenstein pretende dizer que tudo na realidade são imagens e que para todas essas imagens existem possibilidades de se criar imagens representativas, como se fossem sombras deixadas pela projeção da realidade e, através dessas sombras podemos mostrar a realidade.

7. A palavra original que Wittgenstein utiliza ao expor sua teoria é *Bild*, cujas traduções para português são imagem, figura, figuração, quadro, pintura, gravura, retrato.

3.4. Fatos

O projeto ontológico descrito na teoria da *figuração* tem o *fato* como um elemento essencial. Sendo apenas no nível do *fato* a possibilidade da representação das substâncias extralinguísticas – a realidade. Wittgenstein evidencia que a relação da representação-pensamento e a representação-mundo-real não pertence a proposição, mas ao *fato*, pois a *coisa* simples representa o objeto real, mas não pode conceber a realidade. Segundo Wittgenstein, apenas através do *fato* a realidade pode ser concebida, dessa concepção decorrem os seguintes aforismos:

- (1) “O mundo resolve-se em fatos” (TLP, 1.2)
- (2) “O fato é a existência de estado de coisas” (TLP, p.129)

Considera o filósofo austríaco, desse modo, o *fato* como sendo um conjunto de proposições responsável por conectar a linguagem ao *mundo*, isto é, o *fato* representa uma identidade estruturante entre o universo físico e a linguagem.

Pierre Hadot comenta está relação exacerbando a posição do *fato* dentro da teoria da *figuração* de Wittgenstein da seguinte forma:

Cada fato simples aparece como uma relação de objetos, que os nomes representam nas proposições simples. Pode-se então obter a seguinte correspondência: nome – objeto; proposições elementares – fatos simples; proposições complexas – fatos complexos. E, prosseguindo com o paralelismo, a linguagem aparecerá como o conjunto de proposições; o mundo como o conjunto de fatos simples. O mundo aparecerá assim como um conjunto de fatos, não como um conjunto de objetos. (HADOT, p.47)

3.5. Mundo

A elaboração de uma tese ontológica precisa possuir um ponto inicial e outro final: a Wittgenstein não faltou ousadia na definição desses pontos. Para Wittgenstein, o ponto final dos desdobramentos analíticos da linguagem é o *mundo*, para além do *mundo* nada há. Na outra ponta do extremo, temos o ponto inicial sendo um *fato* atômico constituído de objetos simples representados por nomes como relógio, mesa etc.

Para Findlay J. N. (1984, p. 76, tradução nossa)

O mundo inclui não meramente o fato que meu relógio está sob a mesa, mas também todos os fatos pertencentes aos componentes do relógio e da mesa, bem como sobre suas composições para formar os objetos [...]

Wittgenstein defende que o *mundo* é constituído de *atos* mundanos correspondentes a *atos* linguísticos: a linguagem descreve o *mundo*. Nessa perspectiva, o austríaco afirma que a descrição do *mundo* só é possível por causa dos *atos* atômicos. Isto é, a análise da linguagem precisa chegar a um ponto de saturação para evitar o regresso *ad infinitum*, em outras palavras, um ponto que não seja mais possível avançar analiticamente. Este ponto de saturação é descrito pelo autor através do termo *substância do mundo*: a *substância do mundo* está nos objetos simples.

4. A problemática da tese desenvolvida da passagem da ontologia à teoria do conhecimento: relação entre o mundo e os pensamentos sobre o mundo.

O TLP claramente assume a forma de uma investigação lógica que pretende impor um limite à linguagem. Mais precisamente para a expressão dos pensamentos pela linguagem. Nesse sentido, os limites da linguagem tractatiana visa circunscrever os limites do *mundo*, pois o *mundo* não pode ir para além do limite da linguagem.

A relação entre *mundo* e os pensamentos sobre o *mundo* parte da linguagem, pois “a linguagem é um traje que disfarça o pensamento” (TLP. 4.002) e o pensamento, por meio da linguagem, como afirma Wittgenstein, afigura a relação com o *mundo*:

O disco gramofônico, a ideia musical, a escrita musical, as ondas sonoras, todos mantem entre si a mesma relação interna afiguradora que existe entre a linguagem e o mundo. (TLP. 4.014)

Mas o que é o *mundo* que o pensamento reflete pela linguagem? Ao considerar o atomismo lógico de Wittgenstein, poderíamos responder que o *mundo* que o pensamento reflete está assentado em uma estrutura lógica, o pensamento com sentido pode acessar essa estrutura lógica através também de uma estrutura lógica análoga ao do *mundo*. Como esclarece o próprio autor (TLP, 5.61): “a lógica preenche o mundo; os limites do mundo são também seus limites.”. Em outras palavras, não podemos pensar em algo ilógico, sendo assim “o que não podemos pensar não podemos pensar; portanto, tampouco podemos dizer o que não podemos pensar.”

Para Edgar Marques (2005, p.15), o TLP constitui “uma tentativa de determinação dos limites daquilo que pode ser pensado, através de uma delimitação do que pode ser dito por meio da linguagem.”

5. A problemática da linguagem: as investigações da linguagem, suas estruturas internas e suas relações com a proposição.

É por meio da linguagem que associamos um nome a alguma coisa. Como, por exemplo, associamos o nome óculos a um objeto que possui duas lentes e uma armação utilizado no rosto para corrigir um grau de deficiência visual. Wittgenstein diz:

Um nome toma lugar de uma coisa, um outro, de uma outra coisa, e estão ligados entre si, e assim o todo representa – como um quadro vivo – o estado das coisas. (TLP, 4.0311)

A problemática da linguagem inicia-se nessa associação entre um nome e um objeto. Segundo o TLP “é só no contexto da proposição que o nome tem significado.” (TLP. 3.3) Wittgenstein coloca a importância da proposição antes mesmo da linguagem, pois a linguagem pode ser imprecisa apresentando-se ambigualmente:

Na proposição “Rosa é rosa” - onde a primeira palavra é um nome de pessoa, a última é um adjetivo – essas palavras não têm simplesmente significados diferentes, mas são símbolos diferentes. (TLP. 3.323)

Complementa Wittgenstein que “assim nascem facilmente as confusões mais fundamentais (de que toda a filosofia está repleta)” (TLP. 3.324) e, por esta razão “a maioria das proposições e questões que se formulam sobre temas filosóficos não são falsos, mas contrassensos”. (TLP, 4.003) Sendo assim, com o intuito de evitar essas confusões deve-se criar “Uma notação, portanto, que obedeça à gramática lógica – a sintaxe lógica”. Por esta razão, Wittgenstein afirma que “Toda filosofia é ‘crítica da linguagem’” (TLP. 4.0031).

A essência do *mundo* para Wittgenstein é o resultado da combinação dos infinitos particulares existentes

Esse aforismo demonstra o quão em alta conta Wittgenstein tinha a natureza da linguagem, tal natureza que o autor expressava por meio das proposições.

A estrutura interna da linguagem no TLP é constituída de símbolos e nomes. Os símbolos bipolarizam uma possibilidade de existência enquanto os nomes representam algo no *mundo*.

6. Conclusão

Neste trabalho abordamos os elementos fundamentais para o entendimento do *Tractatus*

Logico-Philosophicus representado no primeiro Wittgenstein. Portanto, versou-se acerca do *espaço lógico, mundo, estado de coisas e fatos*, bem como sobre a relação entre o *mundo* e os pensamentos sobre o *mundo*; além das investigações da linguagem através de suas estruturas internas e suas relações com a proposição. Além disso, também foi exposto o problema ao qual Wittgenstein procurou resolver, bem como o método filosófico de análise empregado pelo autor para a investigação e resolução do problema. Outro importante fundamento apresentado neste trabalho diz respeito a demonstração da proposição wittgensteiniana na sua concepção teórica.

7. Referências Bibliográficas

CHILD, W. **Wittgenstein**. Porto Alegre: Penso, 2013.

Corrêa, R. S. (2009). **Pensamento e Figuração no TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS**. Revista De Filosofia Aurora, 21(29), 425–435.

COSTA, C. F. **Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

COSTA, P. H. S. **Nome, Objeto e Sentido: Realismo e Antirealismo no Tractatus**. Orientador: Mauro Luiz Engelmman. 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, FFCH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FAUSTINO, S. **A experiência indizível**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

GLOCK, H.J. **O que é Filosofia Analítica?** Porto Alegre: Penso, 2011.

HACKER, P. M. S. **Wittgenstein**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HADOT, P. **Wittgenstein e os limites da linguagem**. São Paulo: É realizações Editora, 2014.

HEGENBERG, L. **Lógica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FINDLAY, J. N. **Wittgenstein: A critique**. Boston: Routledge & Kegan Paul plc, 1984.

MARCONDES, D. **Filosofia Analítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

MARQUES, E. **Wittgenstein & o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PLATÃO. **A República**. 2. Ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2018

PINTO, P. R. M. **Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

RUSSELL, B. **Introdução**. In: WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3. ed. São Paulo: EdUsp, 2020.

SCHMITZ, F. **Wittgenstein**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3. ed. São Paulo: EdUsp, 2020.

_____. **Cardernos 1914-1916**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

Contatos: oleandroprodriques@gmail.com e orlandobruno.linhares@mackenzie.br